

Guineense encontra na política o caminho a seguir

Edinilson Gilberto dos Santos é de sorriso fácil e assume de forma transparente a sua história de vida aos 25 anos. Veio da Guiné-Bissau para Portugal porque lá se dizia que “aqui é tudo melhor”. Foi na miséria das barracas que sentiu na pele as condições desumanas da antiga Pedreira dos Húngaros. Na família tem o suporte emocional e na política encontra o caminho a seguir

Eleito vogal no pelouro do Desporto e Juventude na Junta de Freguesia de Carnaxide, é na Clássica de Direito que o guineense luta pelo sonho da sua vida: voltar à terra e pôr em prática tudo o que tem aprendido.

Gazeta do Cenjor – Quando veio para Portugal, o que deixou para trás na Guiné-Bissau?

Edinilson dos Santos – Não vou dizer que vivia muito bem, mas tinha uma vida razoável. A minha mãe teve problemas de saúde e o meu pai achou que era o melhor para nós, porque em África as pessoas têm a ideia de que a Europa é melhor. Nunca pensei que houvesse coisas más aqui. Uma pessoa quando vem de África parte do pressuposto que as pessoas aqui são melhores, mais inteligentes.

A que “coisas más” se refere?

Barracas, bairros de lata, bairros com pessoas descalças... “lixadeiras”...

Foi isso que encontrou Portugal?

Foi. E foi um choque. Eu tinha 11 anos quando saí da vida que tinha na Guiné, em 1996, e fui viver para Algés num bairro doutro mundo. Perguntei à minha mãe se aquilo era uma lixeira e ela disse-me que “não, vamos viver aqui a partir de agora”.

Qual era o bairro?

Era ali a Lanfreira. Eu chorei. Foi a única vez que chorei.

Algum episódio dessa infância que o revoltou?

Não me esqueço de ter ido com um amigo até ao centro de Algés e de ele me ter explicado como é que se ganhava dinheiro para comer: a estacionar carros. Disse-me que se eu fizesse o mesmo iria arranjar dinheiro rápido. Quando contei à minha mãe a situação ela disse-me:

“Não faças isso Edi, eu trabalho dia e noite para não te faltar nada, não faças isso”. Foi também aí que eu comecei a afastar algumas pessoas e influências do meu caminho.

A sua mãe é uma referência para si na escolha de oportunidades?

A minha mãe e o meu irmão. No meu lar é que eu encontrava a calma. Como tínhamos na Guiné.

Como viveu a entrada na Escola Secundária de Miraflares?

Era um miúdo calmo, no início. Os miúdos gozavam comigo porque eu vinha com um objectivo: estudar, estudar, estudar. Foi difícil a adaptação.

Alguma vez sentiu discriminação?

Eu não entro por esse caminho, mas não percebia porque me diziam: “Preto! Volta para a tua terra!”. Eu não sabia o que falar, nem como me defender. Reagia com violência. Alguns deles hoje são meus grandes amigos. Felizmente aquela fase já passou.

Como é que começou a conquistar o respeito dos colegas?

Quando falo na escola, no bom sentido, digo que é como prisão ou selva. Uma pessoa para se afirmar por vezes é bom ser temido. Eu tinha um grupo e esse grupo foi sendo respeitado por toda a escola.

Foi no secundário que começaram os seus primeiros passos na política?

Os meus irmãos sempre me falaram de política e eu sempre achei que era uma forma de ajudar o próximo. Depois de o meu irmão ter ganhado umas eleições na Casa da Guiné-Bissau aqui em Portugal, com a letra V na campanha...eu - um miúdo - adorei aquela ideia.



Edinilson dos Santos acredita na política “para o bem das pessoas”.

Cheguei à escola, falei com algumas pessoas e criámos também uma lista V. Das melhores experiências que eu tive na minha vida foi aquela primeira reunião da lista, foi uma coisa fora de série.

Durante quanto tempo presidiu a essa lista na associação da Escola?

Quatro anos.

Em que momento exacto a política ganhou um lugar de destaque na sua vida?

Lembro-me que em 2004 o Ângelo Pereira - actual presi-

lhor para mim, mas nos primeiros tempos foi complicado afirmar-me na política.

Quando é que sentiu que a sua vida estava a mudar em Portugal?

Eu posso dizer que foi na campanha pelo dr. Isaltino Moraes, em 2005, que eu deixei de ser mais um e passei a ser o Edi. A política teve muita influência na minha vida. Tem muito a ver com o trabalho que as pessoas fazem no partido.

Acreditava na ideologia política de Isaltino Moraes?

reito?

Cheguei a duvidar da minha média para entrar na faculdade. Estive dois anos a terminar o 12º, com todas as actividades que eu estava a desenvolver na política acabei por me atrasar.

Assume isso sem qualquer peso de consciência?

Foram anos perdidos. Mas aprendi, aprendi muito. Entrei tarde na faculdade, com 21 anos, mas já sabia que era aquilo que eu queria fazer. Direito é o curso do meu sonho.

Como tem sido conciliar a

Albérico Alves



À esquerda, com o presidente da Junta de Freguesia de Carnaxide, Jorge Vilhena, durante a campanha autárquica pelo Partido Social Democrata, em 2005; À direita, na Associação de Estudantes da Escola Secundária de Miraflares, em 2001

dente da mesa da assembleia da secção de Algés da Juventude Social Democrata (JSD) - foi à minha escola e mostrou-me de que forma a JSD podia ajudar a escola na viagem de finalistas, que eu estava a organizar na altura. Aos poucos fui demonstrando interesse em juntar-me àquela força política.

Porquê a JSD?

No concelho de Oeiras a maior força partidária é o Partido Social Democrata (PSD). E a juventude mais activa é a JSD. Isto é um mercado. A pessoa tem que analisar todas elas e ver qual é a melhor. Eu achei que a JSD era a me-

Sim, claro. E sempre me ajudaram. Tiraram a minha família da barraca. Eu senti-me na obrigação de ajudar uma pessoa na qual eu confiava ter o melhor projecto para o concelho: o dr. Isaltino Moraes. Foi aí que eu comecei. Quando o Isaltino ganhou as eleições, eu era o coordenador das escolas secundárias aqui da zona. E a actual presidente da JSD convidou-me para ser vice-presidente na secção de Algés. Eu aceitei e desde aí comecei a ver que a política e a minha vida estão ligadas.

Foi isso que o levou a candidatar-se ao curso de Di-



D.R.

vida estudantil com as actividades políticas?

Para ser sincero não é nada fácil. É preciso muita força de vontade e confiar naquilo que a pessoa vai fazer... porque é complicado. Por vezes fico triste porque sei que se não fosse devido a algumas coisas na minha vida, eu podia hoje em dia ser um aluno com uma média mais alta. Mas eu acredito que aquilo que faço na política é para o bem das pessoas e eu gosto do que faço.

Continua a contar com o apoio da sua mãe?

A minha mãe é uma pessoa que sente um extremo orgu-

lho pelo filho que tem e eu também sinto o maior orgulho pela minha mãe. E sei que ela me apoia em qualquer altura, em qualquer decisão. Ela confia em mim desde sempre, mesmo nos piores momentos da minha vida.

Qual o cargo que assume na política actualmente?

Fui eleito vogal pelo executivo da Junta de Freguesia de Carnaxide para o pelouro da Juventude e Desporto. Neste momento estamos na fase de análise de propostas a nível autárquico para facilitar as obras no concelho.

De que forma as pessoas que o conheciam há 10 anos olham para si e, agora, o abordam perante as suas responsabilidades cívicas?

As pessoas estranham. Excepto a minha família, que me conhece. Mas a maior parte das pessoas sabe é de um “Edi” que passou por uma grande mudança e ficam espantados, perguntam-me se sou mesmo eu.

É hoje uma pessoa mais preocupada com os outros?

Tenho a maior sensibilidade. Eu já passei por muita coisa para conseguir uma casa e sei o que as pessoas sentem. E algumas pessoas hoje em dia olham para mim e dizem: “Oh Edi tu mudaste tanto, mas eu hoje preciso da tua ajuda e sei que me podes ajudar”. É isso que eu tento fazer, sei que a Câmara tem alguns problemas que devem ser resolvidos, mas ajudo em tudo o que posso.

Se tivesse que se definir, como seria esse auto-retrato?

Um miúdo que sempre sonhou e que tenta concretizar os seus sonhos. Vai aprendendo com as pessoas mais velhas e transmitindo às mais novas aquilo que sabe.

Qual é o próximo objectivo?

Acabar o curso.

E na política?

Na política não é bom ter uma expectativa muito alta porque as coisas estão sempre a mudar.

Gostava de voltar à Guiné-Bissau?

Claro! É o meu sonho desde miúdo: voltar para lá. Acabar o curso, aprender tudo isto, e voltar para lá. Continuar este meu trabalho na Guiné-Bissau. Isto é o meu sonho.

Ana Filipa Sousa